



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O uso da aula de Campo como ferramenta de educação ambiental: Análise da aplicabilidade nas escolas públicas de Nazaré da Mata, PE.

Eriverton Silva Pereira; Jadiaele Cristina Berto da Silva; Helena Paula de Barros Silva;
Andresa Maria Mendes da Silva.

Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte, erivertonsp@hotmail.com

Resumo

As aulas de campo vêm surgindo como tendência crescente na educação e com isso emerge sua utilidade como instrumento metodológico no ensino da educação ambiental, como meio de interligar a teoria a prática, buscando observar, conhecer e compreender o espaço e sua dinâmica, assim como as modificações ambientalmente negativas geradas em decorrência das ações antrópicas. Nesse sentido, busca-se pesquisar e analisar a forma com que essa metodologia vem sendo empregada pelos professores do ensino fundamental e médio nas escolas públicas de Nazaré da Mata - PE, por meio de questionários que buscam entender as vantagens e desvantagens da utilização dessa metodologia, assim como os resultados gerados a partir desse método de ensino, visando um aprimoramento dessa técnica educativa.

Palavras-chave: Educação ambiental, Aula de campo, sensibilização ambiental, Nazaré da Mata PE.

INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental (EA) é um tema que na atualidade vem sendo bastante discutido, e com ela a noção de sustentabilidade. A EA é tida como uma das possibilidades de reversão de processos degradativos, preservação e transformação das condições de qualidade do meio e conseqüentemente da vida. Para que isso ocorra é necessário desenvolver práticas de educação ambiental que venham sensibilizar as pessoas. Para que através dessas práticas, possamos ter como resultado a construção de valores, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente.

No Brasil, as noções a respeito da Educação Ambiental foram repercutidas, em grande escala, ao longo da década de 80, quando a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 incumbiu ao poder público introduzir a EA em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para preservação do meio ambiente. Isso fez com que as escolas tornassem-se a principal orientadora no que diz respeito à formação de alunos/cidadãos reflexivos e críticos, preocupados com a problemática ambiental. Tudo isto em decorrência dos conhecimentos,

valores e habilidades adquiridos pelos alunos em sala de aula. Porém as questões relacionadas à sensibilização no que se refere ao meio ambiente não podem/devem ser trabalhadas pelo professor apenas em sala de aula, mas externada para fora da sala, isto é, para o espaço, a natureza, o próprio meio ambiente. E é aí que colocamos em discussão a aula de campo, como ferramenta pedagógica que ajuda o aluno a melhor perceber o mundo e assim, melhor conhecê-lo.

A aula de campo é uma ferramenta muito importante para a compreensão, de forma mais ampla, da relação existente entre as informações obtidas em sala de aula e o espaço vivido, em outras palavras, a teoria e a prática. O trabalho de campo é um instrumento didático que pode ser usado pelos professores, como forma de complementar o conteúdo visto em sala de aula, uma vez que proporciona o enriquecimento de informações e consolidação do aprendizado por parte do aluno. Scortegagna e Negrão (2005) fala que ‘é no campo que o aluno poderá perceber e aprender os vários aspectos que envolvem o seu estudo, tanto naturais quanto sociais’. Uma excursão didática é um instrumento de estratégia metodológica, que de várias maneiras assegura o interesse dos estudantes pelo espaço analisado, e faz com que o ensino-aprendizagem venha ser agradável e significativo. Dessa forma, As aulas de campo, estimulam a participação do aluno, sendo assim, melhora o aproveitamento, permite a exploração de conteúdos conceituais e complementa assuntos já discutidos ou incentiva estudos posteriores (VIVEIRO & DINIZ, 2009).

Sabendo disto, iremos aqui analisar, discutir e avaliar os resultados da prática das aulas campos para o ensino da Educação Ambiental, nas escolas públicas do município de Nazaré da Mata, no estado de Pernambuco. Observando o modo como os professores têm usado esse método. Para a realização deste trabalho foi feito um questionário bem como entrevistas com alunos e professores de várias escolas públicas, sendo elas municipais e estaduais, da cidade em destaque. Na qual, a partir do resultado obtido, foi visto como os professores no processo de ensino-aprendizagem entendem a aula de campo e a elaboração e aplicação da mesma com ênfase dentro dos limites territoriais, bem como fora da cidade de Nazaré – uma vez que o município possui um grande aparato no que se referem às questões ambientais e as práticas de degradação contra seus recursos.

EXCURSÃO PEDAGÓGICA UM INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Atualmente o campo é visto como um laboratório a céu aberto, onde as excursões pedagógicas surgem como um mecanismo eficaz para estabelecer uma nova concepção na relação ensino/aprendizagem, pois o aluno passa a contemplar o ambiente, fugindo da teoria tão presente nos livros didáticos e nas aulas teóricas, permitindo assim, uma maior compreensão da educação ambiental.

Perante essa perspectiva Furlan (2005) vem destacar a importância do planejamento da aula de campo ao relatar:

Todo trabalho de campo é precedido por uma avaliação de planejamento [...]. Uma pesquisa bibliográfica antes de ir ao campo é muito importante, pois permite um melhor conhecimento do local a ser estudado, facilitando o planejamento das atividades de campo (FURLAN, 2005, p. 111).

Desse modo a aula de campo, deve-se precedi de um planejamento que almeje o objetivo da aula. Assim como qualquer outra atividade que propõe promover a aprendizagem o campo precisa ser previamente investigado, o professo precisa fazer um levantamento prévio de informações, esquematizar roteiro, e é preferível que antes da excursão ele vá presencialmente analisar o local, no intuito de evitar qualquer tipo de imprevisto desagradável, e facilitar o ensino no que se refere a educação ambiental. Assim que os estudantes saem para o campo o processo de observação já se inicia desde a saída da escola, e ao chegarem no local, essa observação deve ser feita de forma ampla, abarcando toda a dinâmica do espaço, como aborda Furlan (2005) ao destacar:

A observação não deve recair sobre o objeto individualizado, mas deve buscar vê-lo como parte de um todo estruturado e articulado historicamente. Trata-se de considerar que o tempo da natureza aparece combinado com o tempo social, com escalas e ritmos distintos [...]. É preciso considerar seu papel na educação do olhar a favor de uma maior conscientização sobre o ambiente que nos cerca. (FURLAN, 2005, p. 109-110).

Frente a essa perspectiva, o estudo de campo deve acontecer de forma abrangente, para que o aluno possa entender a complexidade do espaço assim como o seu funcionamento. O professo deve focalizar tanto os aspectos naturais, como sociais, abordando a dinâmica da sociedade, as transformações do espaço, tendo um maior enfoque para a educação ambiental. Buscando a sensibilização do aluno no que se refere às transformações negativas do ambiente que tem como causa a ação antrópica, acarretando no desenvolvimento do seu espírito crítico, e disseminando o propósito da educação ambiental.

Em relação às categorias de objetivos da Educação Ambiental (DIAS, 2004, p. 111) destaca:

1. Consciência:... ajudar os indivíduos e grupos sociais a sensibilizarem-se e a adquirirem consciência do meio ambiente global e suas questões;
2. Conhecimento:... a adquirirem diversidade de experiências e compreensão fundamental sobre o meio ambiente e seus problemas;
3. Comportamento:... a comprometerem-se com uma série de valores, e a sentirem interesse pelo meio ambiente, e participarem da proteção e melhoria do meio ambiente;
4. Habilidades:... adquirirem as habilidades necessárias para identificar e resolver problemas ambientais;
5. Participação: proporcionar... a possibilidade de participarem ativamente das tarefas que têm por objetivo resolver os problemas ambientais.

Mediante o exposto, fica evidente que trabalhar Educação Ambiental por meio de excursões pedagógicas é de suma importância, uma vez que vai proporcionar a sensibilização sobre questões ambientais aos indivíduos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, será possível que os alunos, em geral, tenham conhecimento e compreensão sobre o meio ambiente com a finalidade de despertar no grupo de alunos através da Educação Ambiental a vontade de participar ativamente dos projetos e ações que visem proteger e melhorar o meio ambiente nos quais os mesmos estão inseridos.

Segundo (DIAS, 2004, p. 126) é necessário que as políticas públicas juntamente com a sociedade, em geral, objetivem:

- a) Sensibilizar o público em relação aos problemas do meio ambiente e às grandes ações em curso, ou previstas;
- b) Elaborar informações destinadas a permitir uma visão de conjunto dos grandes problemas, das possibilidades de tratamento, e da urgência respectiva das medidas adotadas ou que devam ser adotadas;
- c) Dirigir-se ao meio familiar e às organizações que se ocupam com a educação pré-escolar com vistas a que os jovens, sobretudo antes da idade escolar obrigatória, recebam uma educação ambiental;
- d) Confiar à escola um papel determinante no conjunto da educação ambiental e organizar, com esse fim, uma ação sistemática da educação primária e secundária;
- e) Aumentar os cursos de ensino superior relativos ao meio ambiente;
- f) Transformar progressivamente, mediante a educação ambiental, as atitudes e os comportamentos para fazer com que todos os membros da comunidade tenham consciência de suas responsabilidades, na concepção, elaboração e aplicação dos programas nacionais ou internacionais relativos ao meio ambiente;
- g) Contribuir, desse modo, na busca de uma nova ética fundada no respeito à natureza, ao homem e à sua dignidade, ao futuro e na exigência de uma qualidade de vida acessível a todos, com um espírito geral de participação.

A descrição acima revela a importância de abordar e tratar as questões ambientais em todas as esferas da sociedade, a educação, por sua vez, é o pilar transformador e sensibilizador das pessoas, isto é, possibilita transformações nas atitudes individuais que somando ao coletivo ocasiona significativas mudanças nas formas de preservar e conservar o meio ambiente. A educação Ambiental não pode ser tratada como disciplina isolada, a educação ambiental tem que aparecer em todos os componentes curriculares desde o ensino básico até o ensino superior.

Observa-se assim que a construção do conhecimento não cabe nas paredes da escola. Ao propiciar ao aluno meios que possibilitem a construção do conhecimento e, conceder mecanismos para se situar no mundo como cidadão crítico dotado de valores e crenças, o professor estará apontando caminhos aos estudantes, e a este tem o dever, como sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, ampliar os conhecimentos necessários para o entendimento e compreensão da educação ambiental.

Perante esta perspectiva Callai (2005) ratifica da seguinte forma:

A noção de espaço é construída socialmente e a criança vai ampliando e complexificando o seu espaço vivido concretamente. A capacidade de percepção e a possibilidade de sua representação é um desafio que motiva a criança desencadear a procura, a aprender a ser curiosa, para entender o que acontece ao seu redor, e não ser simplesmente espectadora da vida. (CALLAI, 2005, p. 229).

Muitas vezes o aluno tem serias dificuldades para entender o espaço a sua volta, por falta de incentivos para observar, perceber e compreender. Chamamos a atenção que mesmo a simples descrição de uma paisagem, apresenta dificuldade ao ser solicitado como uma atividade em sala de aula. Portanto cabe ao professor ser o motor propulsor desse incentivo, instigando o aluno por meio de aulas práticas de observação. Onde o campo vai ser o palco desse acontecimento, e o aluno será o protagonista no processo de construção do conhecimento acerca da educação ambiental.

NAZARÉ DA MATA-PE: RICO ESPAÇO PARA SE TRABALHAR QUESTÕES AMBIENTAIS

A cidade de Nazaré da Mata apresenta um grande potencial para uma abrangente análise do meio através dos conceitos de diversas disciplinas, e dentro dessas, a Educação Ambiental. Ela (a cidade) está situada na Zona da Mata Norte de Pernambuco, com seus arredores tomados por plantações de cana-de-açúcar, visto como um dos principais problemas ambientais da cidade, pois o intenso uso de veneno para matar as pragas, acaba poluindo o solo bem como os lençóis freáticos, e as queimadas para a fácil coleta da cana poluem a atmosfera e faz com que o solo sofra a erosão. Sem falar que cada vez mais, os donos da produção desmatam os resquícios da Mata Atlântica que ainda existem próximo as suas terras

para a expansão da plantação. Sendo assim um grande problema atual e também futuro para a população, que sofre/sofrerá com problemas de saúde e elevadas temperaturas, por exemplo.

Outro ponto considerado um grande problema e que gradativamente vem se alastrando nas delimitações territoriais do município é a intensa plantação de eucaliptos, propagadas pelos donos dessas, como áreas de reflorestamento. Essa vegetação considerada ‘bonitinhas’ e como uma boa prática é considerada um câncer perigosíssimo para o solo brasileiro, visto que a mesma suga todos os nutrientes do solo de uma forma que em alguns anos toda a área, se não houver nenhuma intervenção pode vir a se transformar em deserto, porque o solo ficará esgotado, isto é, não irá conseguir se recuperar (isso se dar pelo processo de desertificação).

A economia do município é baseada em bens de consumo não duráveis – indústrias alimentícias, como a Mauricea alimentos, de grande importância na cidade e região - e serviços – redes de lojas, bancos, supermercados e outros. E também a agricultura, (que pode ser inserido no contexto ambiental, devido o intenso uso de agrotóxico e também o mau manuseio do solo, que ocasiona à poluição do solo e corpos hídricos, e afeta a saúde dos seres vivos) fixada nos engenhos e periferia da cidade, além de ter um forte e velho precursor, que é a produção de cana-de-açúcar.

Nos aspectos Geomórficos, geológicos e hidrográficos as questões ambientais são bem interessantes e diversificados. A geomorfologia é caracterizada por superfícies onduladas a fortemente onduladas, tabuleiros, chãs de brejo e várzeas. Quanto à geologia, os minerais mais comuns encontrados são o granito e o quartzo, bem como o solo argiloso. Na qual na distribuição espacial destes, tem-se a predominância do podzólico vermelho, propícios à plantação. No que diz respeito à hidrografia, o município pertence à Bacia do rio Goiana, sendo cortado pelo Rio Tracunhaém. Este se encontra bastante poluído, com despejos de esgotos e lixos de bairros próximos depositados nele, e sua mata ciliar quase toda desmatada, não havendo qualquer interesse do poder público e muito menos da população para a construção de uma política pública a fim de reverter esse quadro. E esse problema que iniciou com a expansão urbana, vem a cada dia se tornando alarmante com mortandade da fauna e flora existente e também o assoreamento em algumas partes do mesmo.

Quanto à vegetação natural da cidade, pode-se notar que já foi, aproximadamente, 90% removida devido à plantação de cana-de-açúcar e a urbanização do município. Restando apenas resquícios desta, como a mata de Trapuá, por exemplo. E em toda a cidade, as árvores

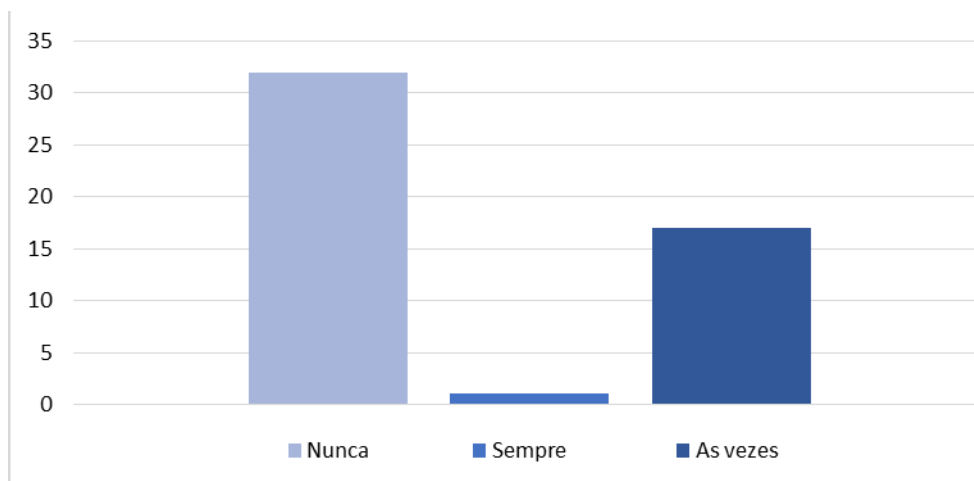
que antes existiam, foram e estão sendo pouco a pouco retiradas, e até agora nenhum projeto de arborização foi discutido.

Diante dessa riqueza ambiental diversificada, a cidade de Nazaré da Mata – PE se apresenta como um verdadeiro arsenal, que pode ser bem explorado pelo professores das várias disciplinas para se trabalhar os problemas ambientais existentes por meio das aulas de campo, onde o aluno atuaria como construtor de seu próprio conhecimento analisando o espaço geográfico e toda a sua dinâmica, exercitando assim a sua leitura de mundo. E através dessas aulas, o professor juntamente com o aluno pode buscar formas de intervir e reverter o quadro ambiental da cidade e também de sensibilizar a sociedade.

PESQUISA ESCOLAR

Pensando na possibilidade da aula de campo como ferramenta do ensino da educação ambiental, foi desenvolvido uma pesquisa em forma de questionário realizada com discentes do Ensino Fundamental e Médio e docentes, de escolas públicas da rede estadual e municipal da cidade de Nazaré da Mata – PE, com o objetivo de avaliar como essa atividade vem sendo desenvolvida pelos professores, quais as dificuldades encontradas por eles, assim como, os resultados adquiridos em decorrência dessa atividade realizada com alunos do ensino fundamental e médio. Que gerou os seguintes resultados:

Figura 1: O USO DA AULA DE CAMPO



Fonte: Autores.

Desse modo, fica notório a grande deficiência da utilização dessa ferramenta de ensino, que é de grande importância no processo de aprendizagem e sensibilização ambiental, e que ainda fornece aporte para o professor, no que se refere ao ensino da EA, facilitando também a compreensão e absorção do conhecimento por parte do aluno. Onde 32 alunos afirmam que essa metodologia nunca foi utilizada pelo professor, um aluno já foge dessa afirmação ao relatar que a aula de campo é uma metodologia de ensino sempre utilizada pelo professor, porém ele entra em contradição ao sugerir que o professor deveria utilizar mais essa ferramenta. Por fim 17 alunos confirmam que o professor faz aula de campo as vezes, mas em suas sugestões pedem mais aulas de campo, e alguns deles sugerem excursões pela própria cidade na qual a escola está localizada.

Porém uma das causas resultante dessa defasagem é a carência de recursos financeiros para custear as excursões pedagógicas, outra problemática da aplicabilidade dessa técnica é a limitação dos professores onde dos dez entrevistados apenas três explicitam a preferência pela utilização da aula de campo como ferramenta de ensino da educação ambiental, ou seja 83% afirma que preferem usar ferramentas expositivas como slides limitando o ensino a uma visão teórica e com conhecimento limitado, privando os alunos de aulas práticas e abordagens abrangentes, a excursão não é só uma ferramenta de ensino mais também um instrumento que contribui muito no processo de sensibilização, e disseminação de assuntos referentes ao ambiente.

Diante dessa perspectiva fica evidente o mau aproveitamento dessa ferramenta de ensino, e essa afirmação só faz se concretizar, pois dos 50 alunos 44% sugerem que a aula de campo seja um instrumento de ensino e 50% deles também sugerem esse método, mas sugerem que ele ocorra de forma gratuita, os outros 6% alegam que o ensino ocorre de modo satisfatório sem necessidade de alterações.

CONCLUSÃO

Por fim percebe-se que a aula de campo é uma ferramenta de educação ambiental muito eficiente, e de muita importância para o processo de ensino/aprendizagem, mas que seu uso ainda é muito insatisfatório e acaba acarretando na construção de um conhecimento teórico e desmotivador. Também ficou evidente que a escassez de recurso é uma das maiores causas da exclusão dessa técnica de ensino. Porém a cidade apresenta um forte atrativo, com um campo muito amplo no que se refere aos aspectos físicos e humanos sendo assim propício para práticas de ensino da educação ambiental e também de sensibilização ambiental, mesmo assim ainda é forte o apego dos professores por ferramentas de ensino demonstrativo-expositivo limitando o conhecimento às paredes escolares.

Em resumo as aulas de campo são muito válidas para desenvolver no discente a capacidade de construir um conhecimento ambiental, tendo forte progressão crítica, ética e participativa frente à sociedade e o mundo no qual o mesmo está inserido, transformando a sala de aula em um horizonte, e os livros a cada detalhe ao alcance de nossos olhos, mudando toda a normalidade presente no dia a dia.

Referências

FURLAN, Sueli Ângelo. Técnicas de Biogeografia. In: VENTURE, Luis Antonio Bittar. (Org). **Praticando geografia: Técnicas de campo e laboratório em geografia**. São Paulo: Oficina de textos, 2005. P. 99-130.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental: Cadernos Cedes n. 66, Maio/Ago. 2005.**

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

SORTEGAGNA, A.; NEGRÃO, O. **Trabalhos de campo na disciplina de Geologia Introdutória: a saída autônoma e seu papel didático**. Terra e didática, v.1, 2005. Disponível em: <www.ige.unicamp.br/terraedidatica>. Acesso em: 25 de abril de 2015.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I. ; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3°. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VIVEIRO, A.A.; DINIZ, R.E.S. **Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar.**

Ciência em Tela, v.2, n.1, p.163-190, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de edições técnicas, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm>. Acesso em: 03 de junho de 2015.